



apresentação

Segundo parte significativa dos cientistas, a humanidade chegou a um momento crucial de sua história. Deixamos para trás o Holoceno, fase geológica provocada por um processo de degelo do planeta; atingimos o Antropoceno, ou Época dos Humanos, quando a ação do homem influencia o sistema terrestre, ameaçando todas as formas de vida.

Essa afirmativa não escapa à contestação. Os defensores do livre mercado, por exemplo, financeiramente sustentados por grupos de pressão industriais e antiambientalistas, consideram ilusória ou exagerada a existência da crise apontada por cientistas. Em movimento crescente, o debate, apoiando ou contestando uma ou outra das duas posturas, chega ao público informado. Na verdade, cabe a todos, especialmente aos pesquisadores no campo das Humanidades, discutir a questão com os olhos voltados para a preservação do planeta e de seus viventes.

Sucintamente definida como estudo das relações dos seres vivos entre si e deles com o meio ambiente, a Ecologia propiciou, na Literatura, o nascimento da Ecocrítica, voltada para a análise de textos envolvidos com essa temática. Para essa vertente crítica, vale lembrar a aplicação de conceitos derivados da Ecologia às formas como a Literatura simultaneamente reflete e influencia a interação humana com o mundo natural. A Ecologia, como ciência ou como disciplina, propõe uma visão humana, relevante para o presente e o futuro do mundo e também para os estudos de todas as formas de expressão. Como primeira lei da Ecologia, vale ainda o princípio de que todos os viventes, animais humanos e não humanos, plantas e seus ambientes compõem um conjunto orgânico, a tal ponto que a alteração de qualquer desses elementos reflete-se no todo. Desde os fins do século XX, aparecem textos associados a uma crise global sem precedentes, que não decorre do funcionamento dos ecossistemas, mas dos sistemas éticos humanos. Encontra-se

assim um campo fértil para pesquisas em diversas áreas, englobando o estudo de obras que contemplem a diversidade do ambiente natural, as relações entre animais humanos e não humanos, o futuro da existência humana e as interconexões entre a natureza e a cultura.

A abordagem ecocrítica inclui quatro disciplinas básicas: Ecologia, Ética, Estudos de Linguagem e Teoria Crítica. Entretanto, como unanimemente admitem os especialistas, a Ecocrítica não pode reivindicar um método próprio. É necessariamente holística. Já nasce interdisciplinar. Revela-se não um método singular, mas uma constelação de abordagens que pouco têm em comum além do interesse pelo meio ambiente e as relações entre todos os seres vivos. Conforme o objeto de análise, pode associar-se aos Estudos Culturais, às Ciências, à Botânica, à Ecologia, à Filosofia, à Sociologia, à Literatura ou às Artes; pode apropriar-se de conceitos e métodos originários dessas e outras disciplinas, erigindo pontes entre elas.

Este número de *Aletria* é dedicado ao tema do Antropoceno e das medidas a serem urgentemente tomadas para a preservação da vida na terra. Os ensaios que se seguem representam nossa contribuição para reflexões a respeito das relações intermediáticas entre a psicologia e o cinema; o romance e o tema do Antropoceno; os humanos e os seres inanimados e também a projeção, na arte, da relação entre o homem e a natureza e a relação do Antropoceno com a política e o cinema. Como denominador comum, os textos buscam respostas para os problemas envolvidos. Evidentemente, sem descartar os temas específicos abordados em cada um, é impossível apresentarmos tais respostas. Não sem razão o ensaio de Melina Pereira Savi se encerra com a interrogação angustiada da protagonista do romance *Weather*, de Jenny Offill, “Que fazer?”

Como os demais, o “Ensaio sobre a depressão antropocêntrica”, de Victor Hermann Mendes Pena, não oferece qualquer solução. Ancorado numa noção não antropocêntrica de psicologia, associada a teorias de Karl Marx, Giorgio Agamben e Fernando Deligny, o autor discute a possibilidade de o sofrimento humano atingir escala antropocêntrica. Enquanto força física de escala geológica, esse sofrimento mostra-se capaz de perturbar os fluxos naturais e os comportamentos das espécies, mesmo após o eventual desaparecimento do homem. Para tratar essa questão, o ensaísta toma como ponto de partida *Untitled (Human Mask)*, filme de 2014, do artista contemporâneo Pierre Huyghe. O filme apresenta um mundo distópico, em que a fauna e a flora aos poucos se reapropriam

da Zona de Exclusão. Segundo argumenta o ensaísta, o filme alude à possibilidade de mutação do sofrimento humano em que uma *depressão antropocêntrica* começa a se espalhar por entre as espécies não humanas, perturbando seus agires inatos. A hipótese, derivada do filme, leva a uma série de conceitos sobre a relação entre psicologia e atividade produtiva, sobretudo o processo pelo qual o homem se separa da natureza a fim de dominá-la tecnicamente. Na mesma linha de raciocínio, Mendes Pena retoma a perspectiva antropocêntrica: em razão de suas capacidades, razão, cultura e tecnologia, o homem se situou no topo de uma hierarquia na relação entre todos os seres animados e inanimados. Perspectiva suicida que, como insiste o ensaísta, só pode levar à hecatombe da espécie humana. O ensaio discute ainda várias questões correlatas. Entre elas, o Antropoceno como resultado de produção capitalista; a transformação de desejos de consumo em necessidades inatas e o contraste entre a antiga dependência do trabalhador rural em relação à natureza e a nova forma de trabalhá-la, escravizando-a em benefício próprio.

Através do ensaio de Melina Pereira Savi, “Coming to Terms with Humans’ Double Role as Biological Beings and Geological Agents in the Anthropocene”, o leitor entra na pele da protagonista de Jenny Offill, em *Weather*, para, através dela, vivenciar a ansiedade despertada pela consciência do fenômeno, sua invisibilidade para muitos humanos e a angústia face à impotência diante da aterradora situação com que se defronta a humanidade.

O próximo ensaio, de Eduardo Ferraz Felipe, “Antropoceno, escala e futuro a partir de *A mulher das Dunas*”, discute a relação entre os humanos e os seres inanimados. A propósito, subjaz ao texto a postura do Novo Materialismo, que contesta a negligência ou diminuição do mundo material. Na tradição euro-ocidental dominante, esse mundo é uma substância passiva e intrinsecamente desprovida de significação. Pelo contrário, os novos materialistas consideram a matéria como elemento vivo, vívido, vibrante, dinâmico e ativo. O ensaio remete a *A mulher das dunas*, romance de Kobo Abo, publicado em 1962, seguido, em 1964, do filme homônimo. Em ambos, romance e filme, o protagonista, Jumpei Niki, é um professor e entomólogo. Em busca de cicindelas, besourinhos comedores de formigas-leão, ele se embrenha por um areal e acaba chegando a um vilarejo litorâneo quase totalmente tragado pelas dunas. Após perder a condução que o levaria de volta a sua cidade, Niki encontra abrigo em uma casa, no fundo de uma cratera.

A escada de cordas, usada para a descida, logo desaparece. O homem fica à mercê da dona da casa, que se torna sua amante e algoz: obriga-o a assumir cansativas atividades domésticas, inclusive limpar a areia que desce do alto do buraco, e dela extrair uma quantidade mínima de água, indispensável para as necessidades imediatas. Entram em cena situações absurdas. Inicialmente, elas parecem ilógicas e surreais. Repetidas, porém, mostram-se semelhantes às da vida real. Com sua fluidez e materialidade, a areia é a metáfora central da narrativa, donde a relação do texto com o novo materialismo. Deixando de ser mera parte do ambiente, a areia desencadeia a ação, remetendo tanto às reações do protagonista quanto à tristeza pela transitoriedade e efemeridade de todas as coisas.

A seguir, a projeção, na arte, da relação entre o homem e a natureza destaca-se no ensaio de Christine Fickelseberer, “Filme-teatro, natureza e intermedialidade”. A autora propõe analisar aspectos do diálogo homem-natureza no âmbito das manifestações artísticas audiovisuais, especialmente, em obras denominadas “filme-teatro”. Em função desses objetivos, desdobra-se um histórico das concepções relativas à natureza. Contemplam-se cosmovisões vigentes no mundo arcaico, quando homem e natureza se mostram integrados em um todo mítico. Seguem-se as análises de visões encontradas na cultura grega, no mundo romano, no Cristianismo nascente, na Idade Média, no Renascimento, nas visões resultantes dos descobrimentos, seguidos da Reforma Protestante, que predispõem à concepção da natureza como mecanismo sem alma, à mercê da exploração humana. Sobretudo a partir da segunda metade do século XX, dificilmente pode-se conceber a natureza, o mundo e o homem como mecanismos estáveis. Nas duas últimas décadas, crescem as incertezas com a globalização, a revolução digital e os desequilíbrios naturais. No século XXI, surge uma mundialização de modelos técnicos e de modos de vida, numa inovação constante, a ponto de não detectarmos artifícios tecnológicos que simulem a natureza e a realidade. O entorno passa a ser um enigma intimidante: em vez da natureza, é o homem o escravizado. Na atualidade, como em outras épocas, a arte reflete as relações do homem com o seu entorno, fato que conduz à análise do novo gênero “filme teatro”.

A relação do antropoceno com a política e o cinema é retratada no ensaio de Jesús Arellano “Érase una vez en Venezuela: el atlas de la ruina”. Com o duplo objetivo de apresentar os aspectos destrutivos do antropoceno e comentar sua relação com a política, o ensaio estuda a forma como a diretora do documentário *Érase una vez en Venezuela* ilustra

seu filme com várias imagens. Exibem-se fotos do vilarejo venezuelano Congo Mirador, caracterizado por habitações construídas sobre um lago. Tais palafitas, outrora testemunhas da conjunção harmoniosa entre o espaço natural e o espaço urbano, são hoje ameaçadas pelo iminente desaparecimento do lago. Com ele, escasseiam as condições que alimentavam a vida da população e nasce a crise política que força a população a abandonar seus lares. As cenas retratam vários momentos da existência das palafitas bem como a presença de duas mulheres que discutem como tratar a trágica situação de seu país dividido. Uma defende a ação do governo de tradição chavista e a outra denuncia seus desacertos. Essa discussão, argumenta o ensaísta, pode ser tomada como uma grande sinédoque do que ocorre em todo o país, e até mesmo no mundo, em razão do problema ambiental e das posturas diante dele. Discute-se, em resumo, uma problemática ambiental superposta a uma crise política. Evidencia-se a necessidade de uma relação mais equilibrada com a natureza, em vez de privilegiar as condições econômicas. Finalmente, o ensaio formula algumas perguntas: como atuar diante de situações críticas como o desaparecimento do modo de vida de uma população? Como proceder diante da prosperidade que deriva da excessiva exploração do mundo físico e suas consequências sobre a vida humana?

Este número da *Revista Aletria* também apresenta quatro trabalhos que integram a seção Varia e uma entrevista.

Davi Andrade Pimentel, em seu artigo “Questões de leitura e de tradução em *Double Oubli de l’Orang-Outang*, de Hélène Cixous” reflete sobre três das principais características constitutivas da arquitetura ficcional, que compõem a obra da escritora, ensaísta, dramaturga, professora poetisa e crítica literária francesa Hélène Cixous, ou seja: a ideia de um leitor-tradutor que seja a chave de sua transformação de livro em obra literária; o fantasma de uma possível intraduzibilidade interpretativa; e o rompimento das fronteiras entre o real e o ficcional.

André Rezende Benatti, por meio de seu trabalho “Violência e extinção em *A morte e o meteoro*, de Joca Reiners Terron”, realiza uma leitura comparativa sobre o desenvolvimento do enredo do romance e o processo de invasão e conquista da América, especialmente América Latina, por povos europeus.

Ana Luiza Ramazzina-Ghirardi e Maristela Gonçalves Sousa Machado escrevem “Adaptação narrativa e intermedialidade: *Ligações perigosas*”, artigo em que discutem sobre como as adaptações de obras

literárias contribuem para expandir seu alcance para públicos não familiarizados com sua versão na mídia original. O texto parte da obra *As ligações perigosas* (1782) de Pierre Choderlos de Laclos, adaptada para o cinema por Stephen Frears (1988), filme que foi adaptado para um curta-metragem animado por Leon Moh-Cah (2021). Por meio de um processo intermediático, Moh-Cah transforma em uma sequência de desenhos animados o filme que narra as “relações perigosas” da aristocracia pré-Revolução Francesa.

Em seu ensaio “‘Mudar a ordem entre as coisas’: teatralidade e ecocrítica em *Stifters Dinge*”, André Goldfeder, a partir da leitura e análise do experimento teatral *Stifters Dinge*, estreado em 2007 pelo encenador e compositor Heiner Goebbels, discute sobre as questões relacionadas à intermedialidade no campo do teatro e de alguns desafios ecocríticos dirigidos a pressupostos espontâneos que informam compreensões ecológicas correntes.

Por fim, *Aletria* apresenta “‘Perto do fragmento, a totalidade’: percepções sobre a literatura moçambicana – entrevista com o pesquisador e intelectual Francisco Noa”, realizada por Luciana Brandão Leal. Francisco Noa é intelectual, professor, crítico literário e ensaísta moçambicano, pesquisador reconhecido nos centros de pesquisas do Brasil, Portugal e África.

Concluindo, oferecemos aos leitores esse conjunto de ensaios representativos do trágico momento que atravessa a vida na terra. Agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Letras/ Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais pelo financiamento a essa publicação.

Boa leitura!

Os Organizadores e Editores,

Jørgen Bruhn

Solange Ribeiro Oliveira

Thais Flores Nogueira Diniz

Elen de Medeiros

Marcos Antônio Alexandre